

repetidamente em outras entidades na umbanda, como “sete encruzilhadas”, “sete gargalhadas”, “sete portões” ou “sete folhas”. Colocar o corpo como receptor do cuidado é intensificar essa relação entre ele e a religiosidade, pois, “O corpo não é um objeto dentre outros na indiferença das coisas, ele é o agente tornando o mundo possível [...] Ele é engajado no funcionamento de cada sentido.” (LE BRETON, 2016, p. 61). Sendo assim, ele convoca os sentidos em sua totalidade, potencializa o seu entorno como receptor que delinea o conjunto da sensorialidade que o rodeia, que o toca, num sentido também subjetivo. Sobral não nos apresenta um poema formado de simples toques, corriqueiras ações que o corpo recebe dos verbos como “encontrar”, “banhar”, “cicatrizar”, “tatuar”, “ressuscitar”, “acariciar”, “colocar”, “atender”, “sussurrar” e “ensinar”, o contato vai além disso. Vemos que o corpo se revela pelas memórias advindas dos afetos entre o eu lírico e o caboclo, estamos encarando um *ethos* cosmológico, uma relação cosmológica com os elementos identitários sem uma visão eurocêntrica como sustentação.

O corpo é colocado de pé, restituído de suas capacidades, atrelado ao espiritual como engrenagem. Uma corporalidade que não se sustenta apenas por elementos materiais ou sociais, modelo mais homogêneo que encontramos na sociedade atual. Esse corpo revela um – emprestando o termo de Hall (2015) - *hibridismo cultural*. Isso demonstra como somos formados por corpos cruzados em nossas culturas, nossas religiões, em nossos referenciais. Vemos como a diversidade compõe de maneira intensa esses corpos que se querem enquanto livres, enquanto possíveis de ressignificar um totalitarismo cultural que não engloba inúmeras identidades consideradas fora do escopo do “poder”. Consideramos que trazer corpos híbridos culturalmente para a literatura possa ser “uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado”. (HALL, 2015, p. 53).

Na penúltima estrofe, em seu segundo verso, a assonância ressurgiu como no segundo poema, agora no momento de se definir: corpo feminino que se aproxima da figura de fênix, sem resquícios de fraqueza advinda das antigas feridas, ele se transforma e renasce quando já se encontrava morto. Caboclo é nomeado como fonte de força espiritual para esse corpo, que se amplia em sua carne, estando em sua frente, abrirá os caminhos e o amparará. A última estrofe sintetiza os ensinamentos vindos de Caboclo e apreendidos pelo eu lírico: “ser filha da terra/ Menina no coração/ Preparada para a guerra”. O primeiro verso tem como cerne uma cosmologia de filosofia aterrada, ligada ao que é natural, forte referência às religiões de matrizes africanas nas quais os elementos espirituais estão intimamente ligados com a natureza, com as entidades e suas sabedorias. Corpo que retira da terra o seu alimento, físico e espiritual; o segundo verso diz respeito ao lado subjetivo desse corpo que talvez precise ter leveza de menina para encarar a guerra - do terceiro verso - e não ser apenas dureza e força, ser menina para o corpo não enrijecer nos momentos que precisar ser combativo.

O corpo se nomeia, ao fim, conhecemos que todo o percurso corpóreo descrito foi de Janaína Flor, um corpo entre os vários que habitam o tecido literário que Cristiane Sobral arquiteta em sua obra. Janaína representa o corpo que recebe as feridas, as mortes, e ele mesmo encara o renascimento amparado por caboclo. A escrita de Sobral parece teorizar um corpo que é início, meio e fim, ressignificando também essa premissa de base cristã, ele sofre e ele se cicatriza por uma metodologia que vem pelo ancestral, pelo caboclo, distante de filosofias que apaguem as marcas corpóreas (anulando para sublimar a vivência do corpo) ou

sobretudo latinos, sobrevividos do processo de colonização; o que implica também dizer emersos do processo de assimilação e submissão a parâmetros imperiosos. (NASCIMENTO, 2006, p. 75).

REFERÊNCIAS

- BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BORGES, Luciana. (De)composições do feminino: A boneca e a construção do corpo in(animado). In: BORGES, Luciana; JÚNIOR, Antônio Fernandes. Org.) O corpo (na Literatura e na Arte: Teorias e Leituras. Goiânia: FUNAPE, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em 06 mai. 2020
- COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. História do corpo. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL. Povos indígenas no Brasil. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ye'kwana> Acesso em 14 mai. 2020.
- LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papiрус, 2003.
- LE BRETON, David. Antropologia dos sentidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Poéticas Afro-femininas In: CORREA, R.H.M.A (Org.) Nem fruta Nem flor. Londrina: Edições Humanidades, 2006.
- SOBRAL, Cristiane. A escrita e o espaço da cena: caminhos da reconstituição da identidade negra. In: DUKE, D. A Escritora Afro-Brasileira: ativismo e arte literária. Belo Horizonte: Nandyala, 2016
- SOBRAL, Cristiane. Terra Negra. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- SPINOZA, Benedictus de. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação cultural. Revista Trilhas da História, Três Lagoas, v. 3, n. 6, p.167-181, jan-jun. 2014.

RECEBIDO EM 26/05/2020 E APROVADO EM 19/05/2020

